

Violência armada atravessa a rua e entra em casa durante a pandemia

Confinamento não reduz número de vítimas da violência. Padrão mais difuso da violência armada deixa um rastro de vítimas de balas perdidas, incluindo crianças e idosos

Maria Isabel Couto

28 de julho de 2021

LUÍS COSTA/FOLHAPRESS



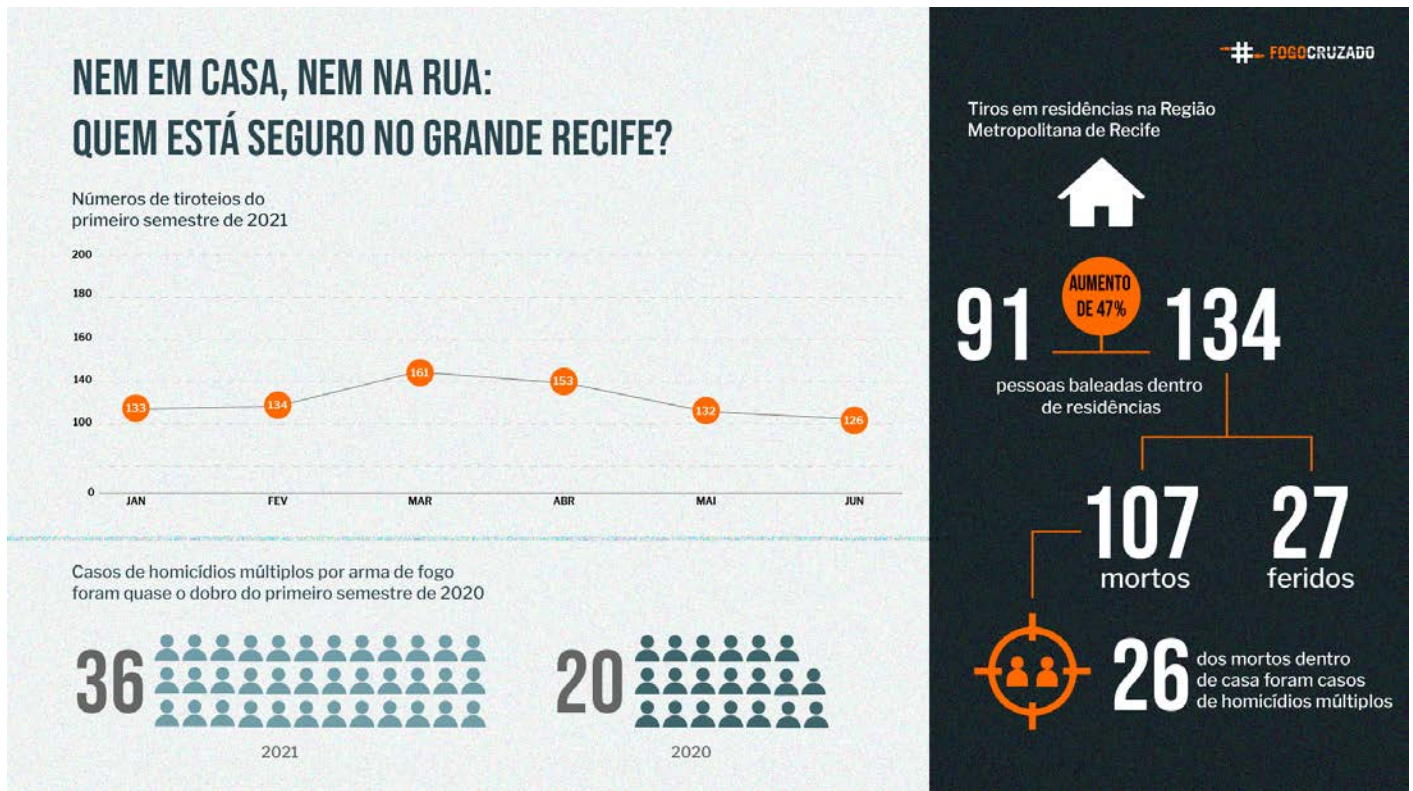
A morte da pequena Alice Pamplona, no morro do Turano, inaugurou mais um ano de muita violência

O primeiro semestre de 2021 possivelmente entrará para a história como o marco da naturalização do inaceitável. O Brasil enfrentou a segunda onda do novo coronavírus - que neste período já deixou de ser tão novo. Em apenas seis meses, uma parcela grande de brasileiros chorou pela morte de milhares de amigos e familiares: o país perdeu mais de 300 mil vidas. Mas, à sombra da tragédia da Covid-19, outra antiga ameaça voltou a crescer sem receber a devida atenção das autoridades: os disparos por armas de fogo.

Nem bem acabou a contagem regressiva para a entrada do novo ano e, no morro do Turano, na Zona Norte do Rio, a pequena Alice Pamplona, de apenas 5 anos, já entrava para a triste estatística da violência armada. Ela foi a primeira vítima do Grande Rio, morta por um tiro durante a queima de fogos. Naquele mesmo dia, a mais de 2 mil km de distância, Raiane de Lima, de 20 anos, também perdeu a vida de forma covarde, vítima de um feminicídio. Longe de serem casos isolados, Alice e Raiane dão rosto ao aumento do número de mortes por arma de fogo no Grande Rio e no Grande Recife. Estes e outros dados da violência são monitorados e disponibilizados nos [relatórios semestrais](#) do *Instituto Fogo Cruzado*, que comemora neste mês [cinco anos de história](#).

Contudo, as semelhanças param no aumento do número de mortos a bala. No Grande Recife, ao contrário do Grande Rio, os tiros não parecem ser "desperdiçados". O alvo, em geral, é certo: 94% dos disparos de arma de fogo [mapeados pelo Fogo Cruzado no primeiro semestre de 2021](#), em Pernambuco, deixaram mortos ou feridos. Já no Rio de Janeiro, apenas 26% dos casos registrados

resultaram em baleados. Chama a atenção um padrão mais difuso da violência armada, que deixa um rastro de vítimas de balas perdidas, incluindo crianças e idosos.



A tendência de aumento da violência armada intencional no Grande Recife se expressa com clareza no [aumento de 47% de mortos por arma de fogo dentro de residências](#), se comparado ao primeiro semestre de 2020. Raiane, assim como 17% das vítimas de armas de fogo no Grande Recife, foi morta dentro de casa. E não se tratam apenas de casos de violência doméstica contra a mulher. Tanto que a maioria das vítimas foi composta por homens (89%), dando indícios de que se trata de uma violência intencional, que, como não encontra mais seu alvo nas ruas, vai até o sofá da pessoa, numa clara mensagem de que não há lugar seguro nem para ela, nem para a sua família. Em pelo menos 13 ocasiões os disparos atingiram e mataram quem estava ao redor.

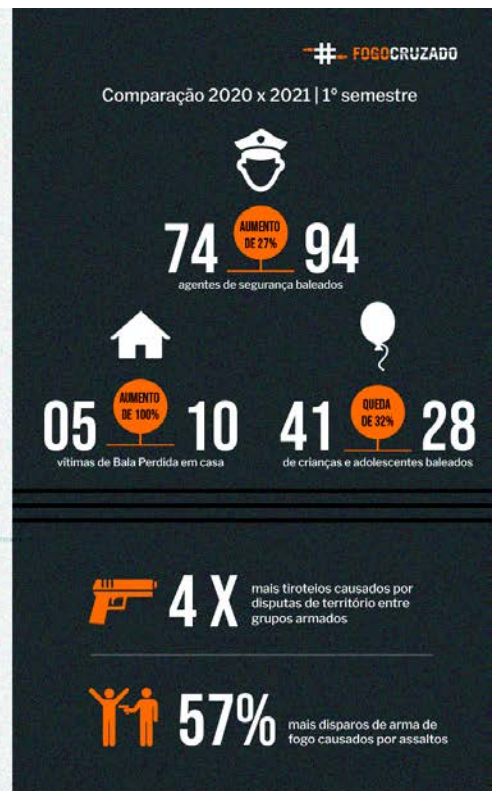
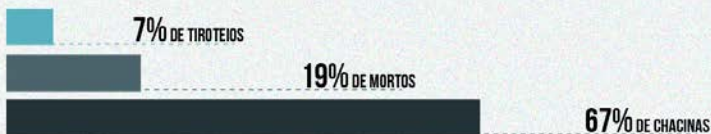
No Grande Rio, entretanto, o destaque do semestre é a violência supostamente não intencional mas previsível das ações policiais. Mesmo diante da decisão do STF, no âmbito da ADPF 635, de restringir operações policiais em favelas durante a pandemia, houve aumento de 7% no número de tiroteios envolvendo policiais em serviço e de 19% no número de mortos nessas situações, quando comparado aos primeiros seis meses de 2020. Chama atenção ainda que os tiroteios causados por ações policiais de rotina ou operações corresponderam a apenas 28% do total de tiroteios mapeados no Grande Rio. Mas, em compensação, os mortos e feridos nessas situações somaram 64% e 73% do total, respectivamente. Nesse sentido, se a Chacina do Jacarezinho chamou atenção pelo número exorbitante de mortos (27 civis e 1 policial civil), os dados do Fogo Cruzado demonstram que ela não foi uma exceção. Ações e operações policiais que resultaram em três ou mais mortos civis, como a do dia 6 de maio, aconteceram 30 vezes no primeiro semestre de 2021.

EXPLOÇÃO DE MORTES POR CORONAVÍRUS E VIOLÊNCIA ARMADA ASSOMBRA O RIO DE JANEIRO

Números de tiroteios do primeiro semestre de 2021



A violência armada em ações de rotina e operações policiais aumentou entre o primeiro semestre de 2020 e de 2021



Independentemente das diferenças, causa assombro a perda de vidas, assim como a incapacidade - e por que não dizer a má vontade - do poder público de oferecer respostas efetivas. Em um semestre, 1232 pessoas morreram por disparos a bala nas 36 cidades monitoradas pelo Instituto Fogo Cruzado - uma média de seis mortes por dia. Diante dos números expressivos de mortes por Covid-19, esse volume pode parecer pequeno. Mas, ao contrário da pandemia, que tem nas vacinas uma esperança real de chegar ao fim, contra a violência armada não há remédio sendo testado e sim indícios recentes de agravamento. Trata-se de uma enfermidade crônica da sociedade que vem piorando, como mostram os dados do *15º Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. As mais recentes políticas governamentais de flexibilização de armas dobram o número de registros ativos em três anos. Esse cenário, combinado a uma crise econômica e ao crescimento da fome no país, anunciam a volta da velha rotina do medo da bala, ao contrário do que anseia a população brasileira.

Maria Isabel Couto

Doutora e mestre em sociologia pelo IESP/UERJ. Atualmente é Diretora de Programas do Instituto Fogo Cruzado. Foi coordenadora da área de segurança da FGV/DAPP; assistente de campo, gestora local e supervisora da UPP Social (programa da ONU-Habitat em parceria com a Prefeitura do Rio); e consultora do IPEA e do Disque-Denúncia RJ. Além disso, já trabalhou em diversos projetos do ISER em parceria com a Seseg/UPPs, com a Senasp e com a ONU-Habitat e o governo de Alagoas.

<https://fontesegura.org.br/multiplas-vozes/69p264fpa8>

